

# Museu do Colégio Municipal Pelotense: uma experiência de museu escolar

Museum of the *Pelotense Municipal* School: an  
experience of a school museum

Noris Mara Pacheco Martins Leal<sup>1</sup>  
Adriana Silveira Cardoso<sup>2</sup>  
Luciana Silveira Cardoso<sup>3</sup>  
Suélen Dias Baldez<sup>4</sup>  
Taimara Scheer Knuth<sup>5</sup>

8

Jul-Dez/2010

## Resumo

Este artigo é resultante da pesquisa de público realizada pela equipe que compunha o projeto de extensão desenvolvido pelo Curso de Bacharelado em Museologia, da Universidade Federal de Pelotas, no Colégio Municipal Pelotense. A presente pesquisa visa mostrar aos pesquisadores de Museus como o público escolar observa sua instituição museológica e qual o conceito dos alunos no que se refere aos Museus, em geral.

Palavras Chave: Museu. Museologia. Ação Educativa.

## Abstract

This article is the result of audience research conducted by the team that composed the extension project developed by the B.Sc. in Museum Studies, Federal University of Pelotas and the Municipal College Pelotense. This research aims to show how researchers Museum observes the public school and its museum institution which the concept of students in relation to museums in general

Key-words: Museum. Museum Studies. Educational Action.

## Museu e Educação

Quer o museu quer a escola ao propor-se ordenar objetos e teorias num sistema único e totalizante em que tudo se integra e parece fazer sentido, são olhados pela população com árbítrios de inclusão ou exclusão social e não como espaços propiciadores da dissolução de tensões sociais e culturais. Há que inverter esta situação de forma a que possam contribuir para educar (e aqui educar no sentido formativo ou mesmo civilizacional) para uma maior tolerância e desenvolver uma consciência global. Os museus em particular têm entre as suas coleções elementos fundamentais para ilustrar as grandes questões que ameaçam o mundo no seu todo: os problemas do ambiente, os desequilíbrios econômicos e sociais, a defesa da liberdade e da democracia, entre outras. (FARIA, 2000, p. 21)

Vive-se tempos cada vez mais dominados pela comunicação de massa e pela Internet, quando informações ágeis e rápidas chegam às pessoas a cada segundo. Os museus necessitam, para sobreviver nesse meio, se adaptarem aos novos cenários. Na verdade, essas instituições que existem há centenas de anos vêm participando dessas transformações.

Da modernidade ao mundo contemporâneo os museus são reconhecidos por seu poder de produzir metamorfoses de significados e funções, por sua aptidão para a adaptação aos condicionamentos históricos e sociais e sua vocação para a mediação cultural. Eles resultam de gestos criadores que unem o simbólico e o material, que unem o sensível e o inteligível. Por isso mesmo, cabe-lhes bem a metáfora da ponte lançada entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói com imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque. (CHAGAS, 2008)

Essa tradição influencia a capacidade de adaptação do trabalho museal, mesmo quando foi dada a sua sentença de morte, como nos agitados anos 1960, quando muitos intelectuais que participaram do revolucionário maio de 1968 assinavam a declaração de morte dos museus, identificados com as classes dominantes e com os governos repressivos.

Setores da vanguarda cultural do Ocidente, no final dos anos 60 e início dos anos 70, anunciaram a morte ou o desaparecimento próximo dos museus. Em agosto de 1971, como informou Hugues de Varine, durante a IX Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus, realizada em Paris, Dijon e Grenoble, o beninense Stanislas Adotévi e o mexicano Mario Vásquez proclamavam abertamente: a "revolução do museu será radical, ou o museu desaparecerá". (CHAGAS, 2008)

Realmente, o que caracterizou os museus na primeira metade do século XX foi o seu caráter conservador: a grande preocupação era a manutenção das coleções, o caráter pedagógico que tinha caracterizado a instituição durante o século XIX foi deixado de lado, as exposições passavam a ter um caráter de fruição e o público era considerado como mero espectador.

Quando da formação dos Estados Nacionais, a preocupação foi identificar aquilo que dava identidade aos cidadãos das novas nações e, com as mudanças sociais, decorrentes das revoluções industrial e francesa, houve a promoção do acesso ao conhecimento a partir da Escola e do Museu. Os objetivos específicos eram: aperfeiçoar, na escola, as pessoas para o mundo do trabalho e criar a identidade dos cidadãos com o Estado-Nação, a partir das grandes coleções provenientes, em sua maioria, das colônias, reforçando o poder econômico, político e o colonialismo europeu.

No início do século XIX, os museus eram entendidos como 'instituições educacionais'. O movimento para sua criação englobou bibliotecas, jardins

zoológicos e botânicos a par com outras formas, não institucionais, de educação de adultos. Em meados deste século a era do museu, enquanto instituição pública, tinha sido inaugurada. Eram vistos como formas recreativas de educação científica concebidos basicamente para a classe operária. A sua criação é inseparável de debates sobre valores-nacionais, o futuro das nações industrializadas e da democracia. (FARIA, 2000, p. 3)

Enfim, o museu como instituição pública começou a surgir, no final do século XIX, como resultado de projeto “liberal” para a educação das populações. São desenvolvidos os setores educativos no Louvre em 1880, em Suery – Inglaterra (primeiro museu para as crianças) e no Museu de Belas Artes – Boston, 1914. O museu era visto como ponto estratégico – complemento fundamental para o ensino artístico e elemento essencial da educação geral.

No início do século XX, como já foi salientado, o caráter do museu se transformou e o trabalho do educador foi separado do conservador, que cada vez mais assume papel relevante dentro da instituição, relacionado à ideia do reconhecimento do seu saber e ao domínio de disciplinas específicas. A projeção do museu era medida pelas grandes coleções mantidas pelos pesquisadores, embora já houvesse opiniões contrárias, como a de Lutz:

Os museus devem possuir uma característica dinâmica e de projeção social, deixando de ser meras coleções estáticas, como até então. Não apenas guardar objetos isolados e em segurança, ou servir de subsídio ao pesquisador, ao museu compete alargar os horizontes do conhecimento humano, desenvolvendo-se lentamente e citando Ruthven – ‘à medida que vão surgindo problemas novos, lança mão de métodos e finalidades igualmente novas, adaptadas ao ambiente social e ao progresso científico. Deve ser elástico, dinâmico, mas principalmente manter-se acessível à maior parte da população, ampliando e disseminando a cultura no seio das nações.’ (LUTZ, 2006, p.46)

Apesar de ideias de vanguarda como esta, já na década de 1930, o trabalho dos museus não foi dinamizado e ampliado, e os seus estudos não foram amplamente divulgados e utilizados, a situação era:

Nos países em desenvolvimento, assim como nos setores ou províncias menos desenvolvidos ou culturalmente menos atendidos dos países ricos, o museu desaparecia como fator útil da vida da comunidade e as forças vivas da sociedade afastavam-se dele para se consagrar mais ativamente aos ‘verdadeiros problemas’. Em outros lugares, os museus se transformavam progressivamente em armadilhas para turistas e em máquinas de dar prestígio às relações internacionais, quando não se tornavam apenas um

meio de facilitar a ascensão profissional, científica ou mesmo política de seus responsáveis. (VARINE, 2000, p.16)

Assim, na segunda metade do século XX, no momento em que a ordem estabelecida foi questionada, como já foi referido anteriormente, e que foi difundida a oposição à instituição museal, se começou a discutir a função educativa dos museus e sua atuação nessa área.

Neste contexto, o conceito de patrimônio é revisto e ampliado, considerando-se o meio ambiente, o saber e o artefato – o patrimônio integral. [...] o desenvolvimento passa a ser compreendido como um processo global de organização de setores populares que se tornaram capazes de enfrentar o Estado e as coalizões dominantes, implicando uma transformação radical da sociedade, o que implicaria uma consciência social crescente. Para alcançar um nível desejável de consciência social, os autores apontam como ferramentas a educação popular, cujo suporte fundamental é a proposta educativa de Paulo Freire, e a investigação participativa como alternativa para oferecer uma nova explicação de realidade. (SANTOS, 2008, p. 72-73)

O desafio é sair do contexto linear de pensar a museologia e educação, na relação “escola x museu”, e ampliar a dimensão da ação educativa dos museus, buscando como diz Santos, vencer as nossas dificuldades em operar as partes e a totalidade. É preciso criar oportunidades de ampliar a produção do conhecimento, rever conceitos e modificar procedimentos de trabalho e, principalmente, estimular o questionamento crítico e criativo.

Como enfatiza Menezes:

Convém sempre lembrar a diretriz essencial de Jonh Dewey: educar é garantir ao individuo condições para que ele continue a educar-se. Em outras palavras, educar é promover a autonomia do ser consciente que somos – capazes de proceder às escolhas, hierarquizar alternativas, formular e guiar-se por valores e critérios éticos, definir conveniências múltiplas e seus efeitos, reconhecer erros e insuficiências, propor e repropor direções. Pode haver educação que não tenha como eixo a formação crítica? Estou seguro de que não. A capacidade critica é, precisamente, a capacidade de separar, distinguir, circunscrever, levantar diferenças e avaliá-las, situar e articular os inúmeros fenômenos que se entrelaçam na complexidade da vida de todos os dias e nas transformações mais profundas do tempo rápido ou lento. É com a formação critica que os museus deviam se comprometer. (MENEZES, 2000, p. 94)

A UNESCO tem papel relevante na relação museu-escola, pois, já na década de 1980, foram organizados diversos seminários com destaque para a ação educativa dos museus: 1º Seminário Internacional em New York (1952), em Atenas (1954), Rio de Janeiro (1958) em parceria com o ICOM, quando se propunha que deveria existir a contratação de um

profissional especialista na área ao qual caberia fazer a articulação entre os serviços educativos e as escolas.

No Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus em 1958, no Rio de Janeiro, definiu-se a necessidade de desenvolver os setores educativos nos diferentes tipos de museus, a fim de ajudar a objetivar conceitos abstratos dos currículos escolares. Definiram-se vários tipos de exposição: ecológica, polivalente (que era geral adaptada a um nível de visitante, mas que não poderia decepcionar quem pretendia um maior número de informações) e a especializada.

Baseado nas propostas da UNESCO, o Ministério da Educação e Cultura criou no Brasil, uma comissão para fazer um levantamento da situação dos museus nacionais, com o intuito de estudar os serviços educativos. A ordem era levantar a condição, estudar a criação dos serviços educativos e organizar um projeto para tanto. O Governo brasileiro, ainda em 1969, normatizou e a implantação de curso de Museologia no país.

O que ocorria nos museus naquele período? Estavam preocupados com a coleta de acervos, mas sempre privilegiando determinados segmentos da sociedade; as exposições possuíam clara tendência da abordagem factual, com culto a personalidades, com conteúdo dogmático sem contextualização e, finalmente, sem uso da crítica. Essa tendência é muito parecida com o ensino feito nas escolas onde o currículo é imposto; a história é ensinada de forma linear; não se exercita a inteligência, mas sim a memorização; e a escola está completamente dissociada dos problemas e da vida de seus alunos.

No período compreendido entre 1969 a 2000, num espaço de tempo de quase trinta anos, muitas modificações ocorreram no cenário museológico.

Considerando que o fazer museológico é o resultado das relações humanas em cada momento histórico, em relação com as demais práticas sociais globais, podemos afirmar que a museologia é resultado de um mundo em transformação. A contemporaneidade tem sido marcada por processos sociais ricos, no sentido de reconhecer a diversidade e o respeito à diferença e, sobretudo, por um forte apelo para que exerçamos a nossa cidadania, com a consciência de que podemos ser sujeitos da história.” (SANTOS, 2000, p.104)

Na pós-modernidade, encontramos mudanças no processo de produção industrial, grandes avanços científicos e tecnológicos, gerando mudança no perfil da força de trabalho e exigência da intelectualização dos processos produtivos.

Num mundo globalizado, dominado pelas novas tecnologias de informação que encaminham as mudanças na forma de fazer política e no surgimento de novos movimentos e sujeitos sociais, os quais afirmam e reafirmam novas identidades sociais e culturais, os paradigmas do conhecimento foram mudados. Não há mais a separação entre sujeito e objeto; o conhecimento é uma construção social; a ciência perde o seu caráter absoluto; acentua-se a linguagem, a troca e o diálogo nas formas de se relacionar e comunicar.

Todas essas mudanças não poderiam deixar de estarem presentes nas práticas nas práticas museológicas e pedagógicas, já que as atividades nessa área refletem as relações humanas sociais e culturais. O que influencia estas práticas:

- Relativização do poder da ciência – caráter instável de todo o conhecimento; sujeitos como produtores de conhecimento.

- Os indivíduos e a sociedade progridem a medida que se empenham em alcançar seus próprios projetos.

- Não existe uma cultura dominante, todas as expressões culturais possuem o mesmo valor. Os sujeitos devem resistir às formas de personificação e dominação cultural.

- Buscar critérios de restabelecimento de unidade do conhecimento – princípios de integração – os saberes eliminam as fronteiras e se comunicam entre si.

- Não há uma natureza humana universal, os sujeitos são construídos socialmente, formando sua identidade e são construtores da sua vida pessoal – papel transformador.

Dentro desse processo, os educadores devem ajudar aos estudantes a construírem seus próprios quadros valorativos, a partir do contexto das suas próprias culturas, já que não há valores universais e sim os valores a serem cultivados pelo grupo. Há espaço para a diversidade, para a tolerância, liberdade, criatividade, emoções e intuição. A escola e o museu devem se portar como um sistema aberto, em permanente relação com o meio, diminuindo a distância entre a educação formal e não-formal.

### **Museu do Colégio Municipal Pelotense**

Nas discussões sobre museu e educação, a partir do movimento da Nova Museologia, altamente influenciado pelas propostas político-pedagógicas de Paulo Freire, o forte é a conscientização, participação e o respeito à cultura do outro. O traço original é o

deslocamento do enfoque individual para o social, para o público e o ideológico. Isto é a concretização do que foi negado pela modernidade às camadas populares e o rechaço do absolutismo da razão-técnica-econômica-instrumental que atrofiou as possibilidades de hominização.

O Museu como instituição histórico-socialmente condicionada, não pode ser considerado um produto pronto, acabado; ele é o resultado das ações dos sujeitos que o estão construindo e reconstruindo, a cada dia. São as nossas concepções de museologia e de museu que estarão atribuindo à instituição diferentes perfis, que deverão ser adaptados aos diversos contextos. Daí, a necessidade de uma avaliação constante que deverá fornecer dados significativos para a definição da missão e dos objetivos, o que implica a necessidade de abertura, por parte de seu corpo técnico e das pessoas responsáveis por sua administração, manifestada em atitudes que demonstrem a motivação e o desejo de mudar, de buscar uma atualização constante, compreendendo que para, desenvolver o pensamento crítico, é necessário haver sistematização e argumentação. Pensar a relação museu-escola na perspectiva de processo aqui apresentada, implica, sobretudo, a transformação dos responsáveis pelos projetos, que deverão ser desenvolvidos com qualidade formal e política; (SANTOS, 2002, p.316)

Assim como:

O Museu para atingir sua função pedagógica, deverá ter uma capacidade de produção própria, com questionamento crítico e criativo, sem, contudo, deixar de interagir com outras áreas do conhecimento. A pesquisa como princípio científico e educativo, é o caminho para que o museu possa contribuir, efetivamente, para o desenvolvimento sócio-cultural. (SANTOS, 2002, p.317)

Para iniciarmos a tratar sobre o projeto de extensão denominado “Adequação do Museu do Colégio Municipal Pelotense”, necessitamos explicitar alguns dados históricos sobre essa instituição escolar. A mesma foi criada em 1902, através de decisão, em Assembléia, das três Lojas Maçônicas de Pelotas, que se uniram para formar um estabelecimento de ensino leigo, aberto a todos. Essa instituição veio a cobrir, naquela época, lacuna no sistema de ensino da cidade. Mais tarde, municipalizado, sempre teve destaque local e regional pela busca incessante da qualidade do ensino ali desenvolvido. Essa história de 108 anos necessitava, portanto, ser preservada e conhecida pela comunidade escolar e por todos os interessados.

Desde 2005, por iniciativa dos professores Mariza Dias da Rosa e Antônio Mauricio Medeiros Alves, em parceria com a Associação dos ex-alunos, vem sendo organizado acervo sobre a história da instituição, o qual está abrigado na Sala Luiz Curi Hallal, declarada como

Patrimônio Histórico Cultural do Município de Pelotas, a partir da Lei Municipal nº. 5.128 de 24 de junho de 2005.

O trabalho inicial necessitava da devida orientação técnica, daí a organização, com o apoio do curso de Bacharelado em Museologia da UFPel, de projeto para adaptar essa instituição à legislação existente, de forma a apresentar para a comunidade, um trabalho de valorização da memória.

Primeiramente, foi realizado inventário do acervo existente, para que, em seguida, se elaborasse diagnóstico a fim de construir os planos museológico e museográfico. A organização do plano museológico atende aos procedimentos técnicos: ação documental, para controle e segurança do acervo, tendo como resultado o estudo dos objetos para marcação, catalogação, exposição e ou reserva técnica; e plano das atividades de conservação preventiva. O plano museográfico trata da temática e planejamento dos suportes expositivos e, ainda, do projeto arquitetônico (adaptação), da ação cultural e educativa e das ações de divulgação.

Para dar continuidade às atividades museológicas, sentiu-se necessidade de conhecer o público preferencial do museu, que são os quase 4000 alunos matriculados no Colégio Pelotense. A proposta era saber quantos já haviam visitado o museu da instituição, quem conhecia a sua existência e quais necessidades em relação ao mesmo. Foi desenvolvido questionário, o qual foi aplicado entre os alunos do quarto e oitavo ano do Ensino Fundamental e o terceiro do Ensino Médio, pois esses correspondem ao fechamento de um ciclo. Dessa forma, chegou-se a uma amostragem do universo de alunos e o seu entendimento sobre o museu e suas atividades, totalizando 250 alunos entrevistados.

- 3º Ano do turno da manhã (43 alunos)

- 8ª Série do turno da noite (34 alunos)

- 4ª Série do turno da manhã (49 alunos)

- Magistério (26 alunos)

- 3º Ano do turno da noite (35 alunos)

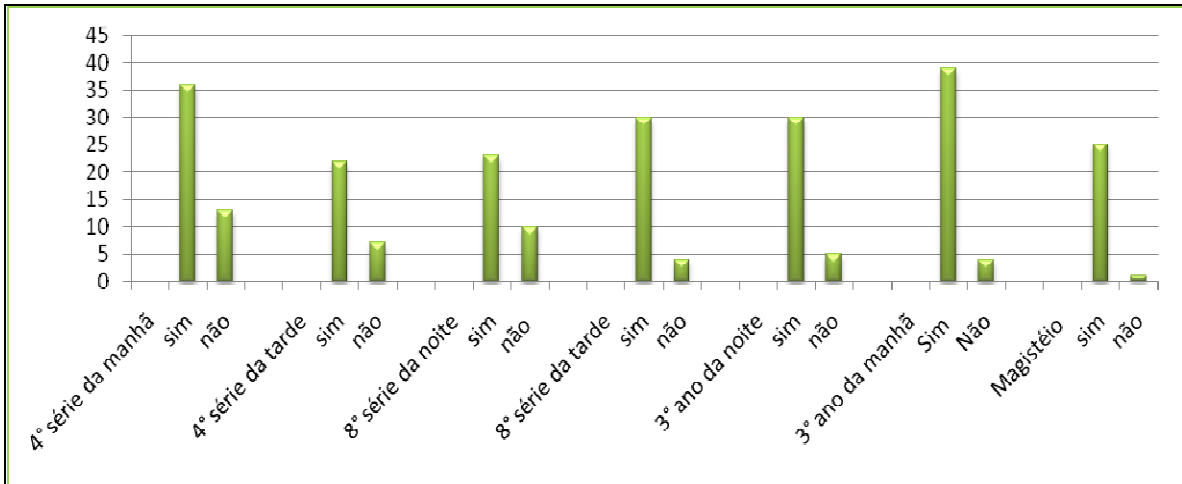
- 4ª Série do turno da tarde (29 alunos)



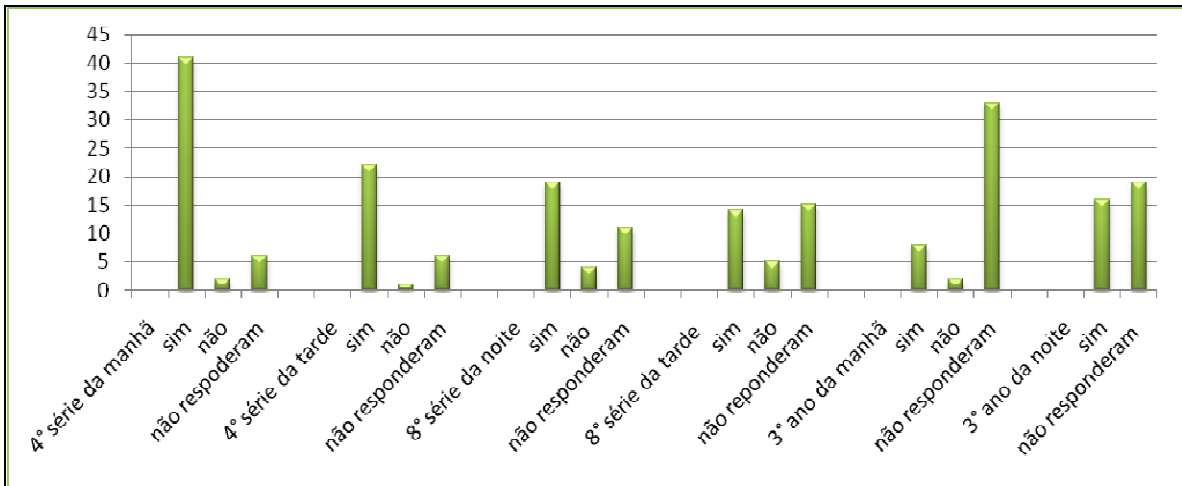
- 8ª Série do turno da tarde (34 alunos)

**Questões:**

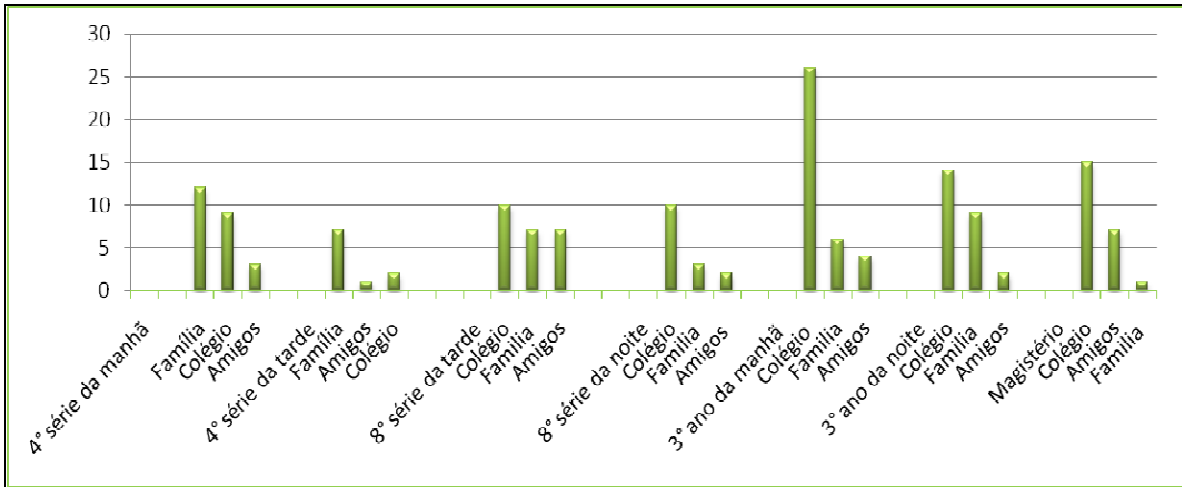
1- Você já visitou um museu?



2- Se não, você gostaria de ir?

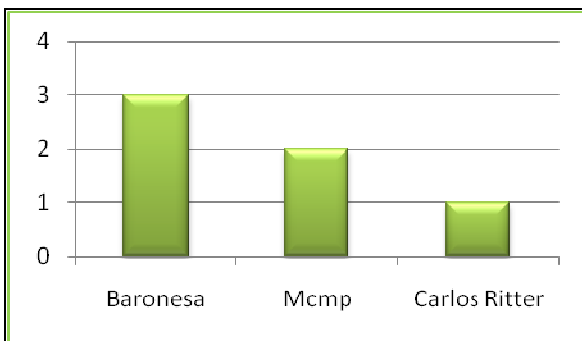


3- Se já foi, quando foi a ultima vez? E, com quem?

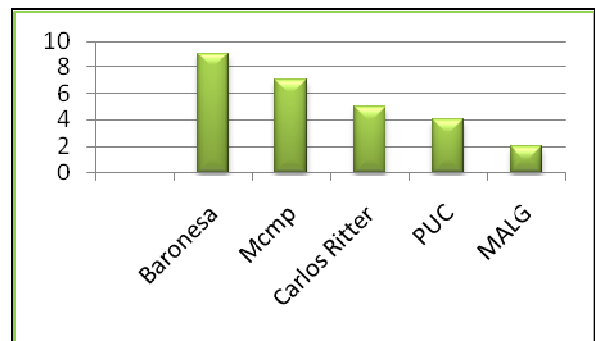


4- Quais museus você conhece?

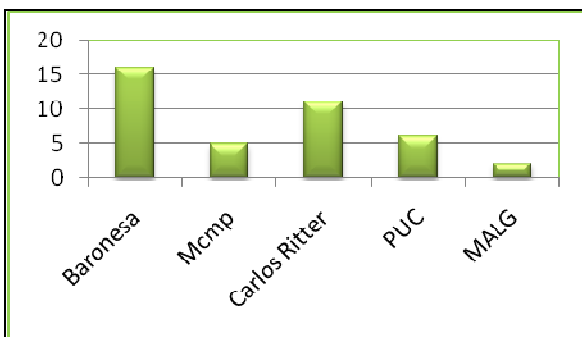
4ª Série da manhã:



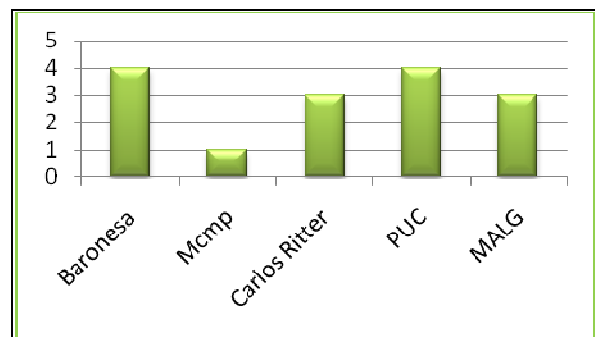
4ª Série da tarde:



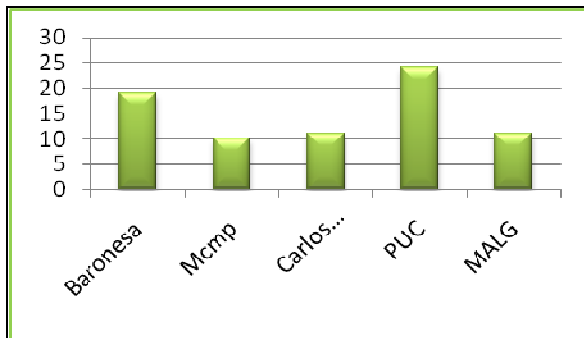
8ª Série da tarde:



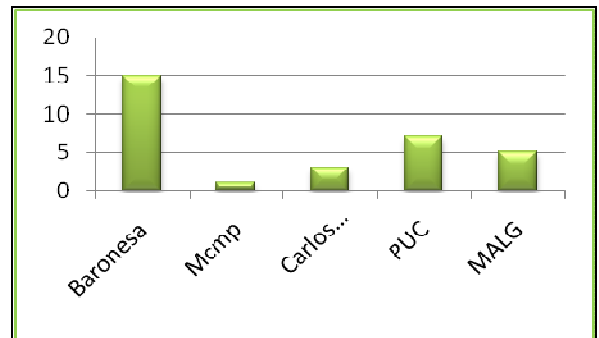
4ª Série da noite:



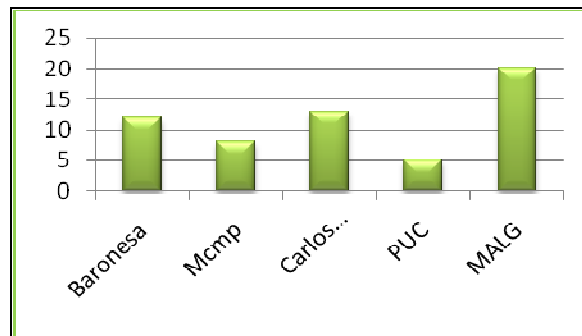
3º Ano da manhã:



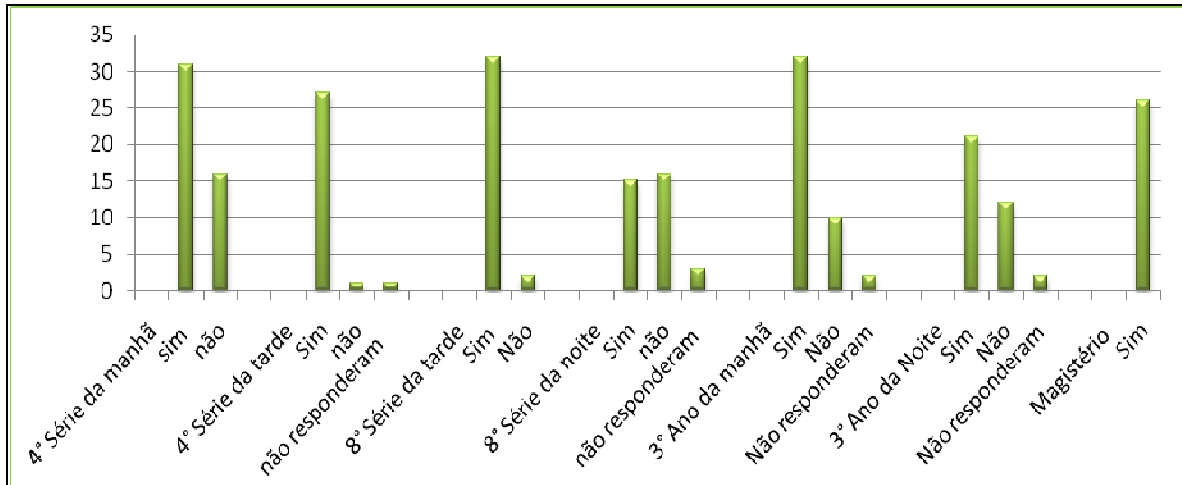
3º Ano da noite:



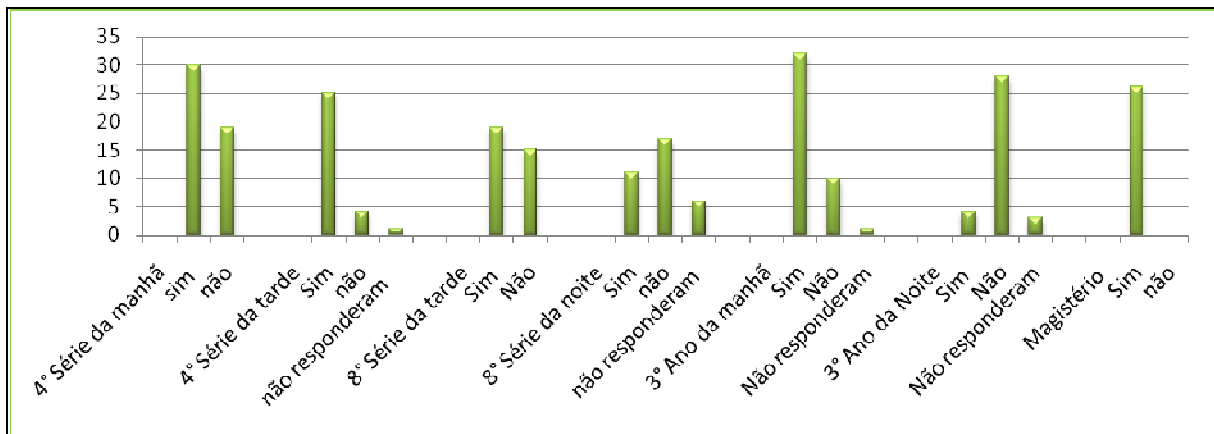
Magistério:



5- O Colégio Municipal Pelotense possui um museu?

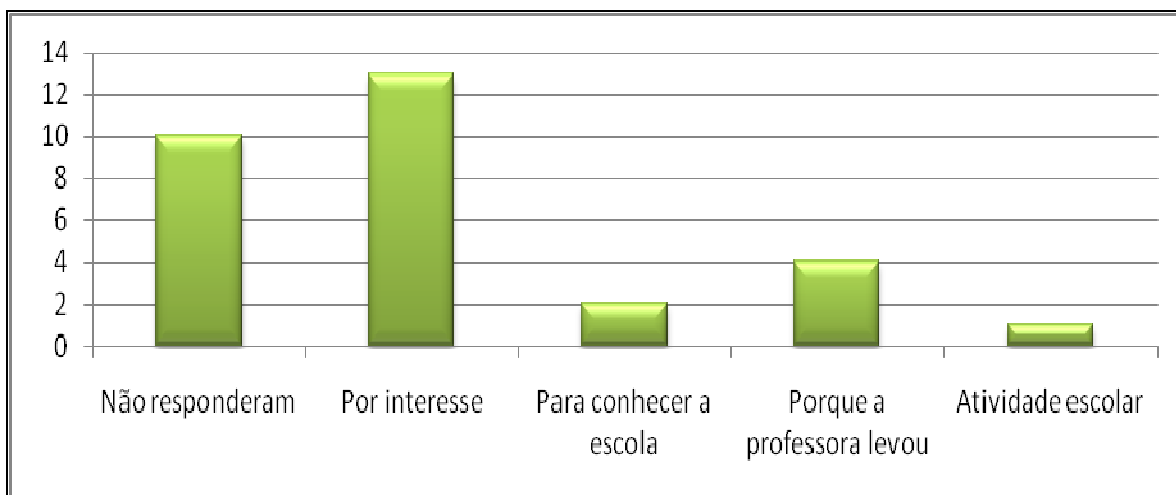


6- Se você acha que tem: Você já visitou o museu?

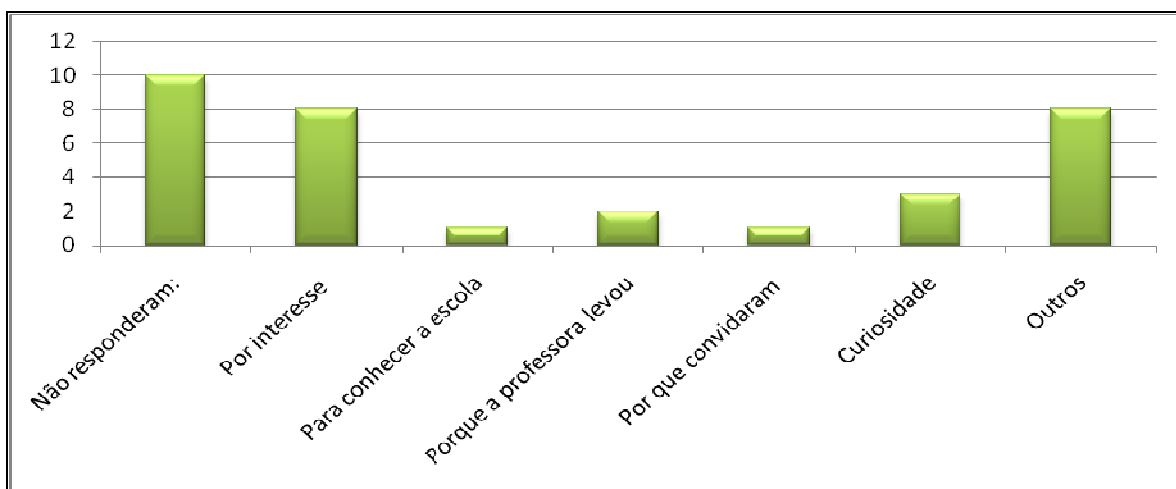


7- Se sim, por quê?

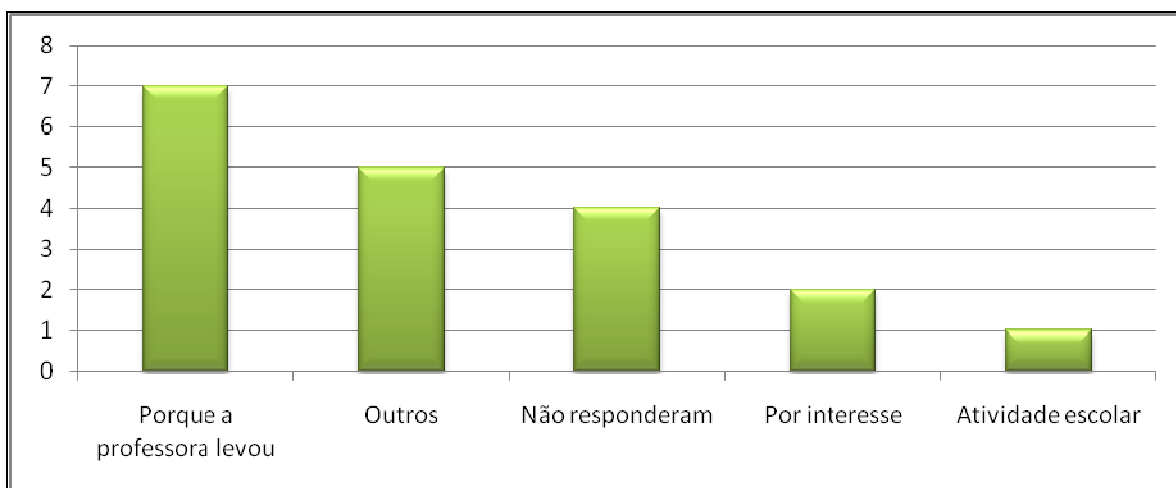
4ª Série da manhã:



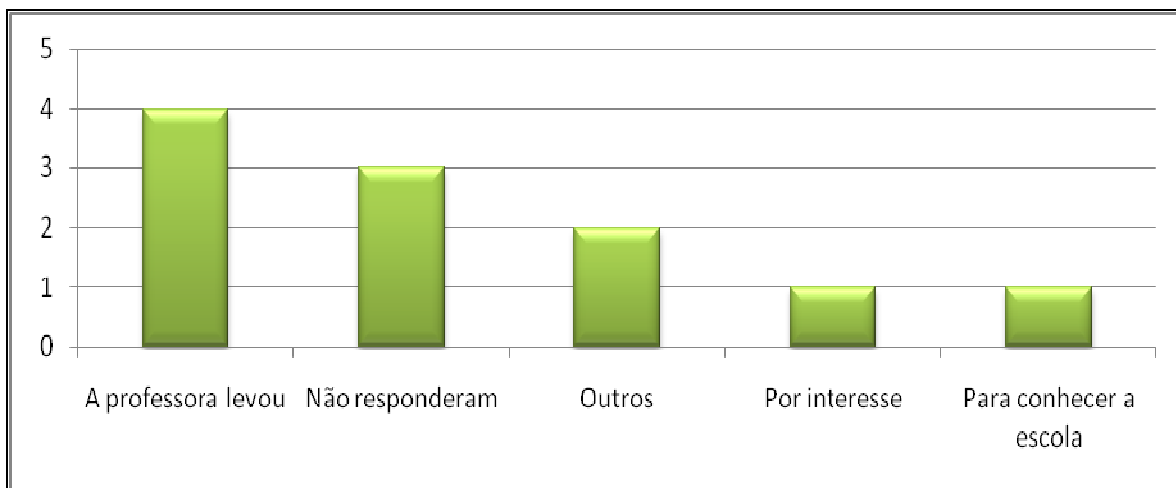
4ª Série da tarde:



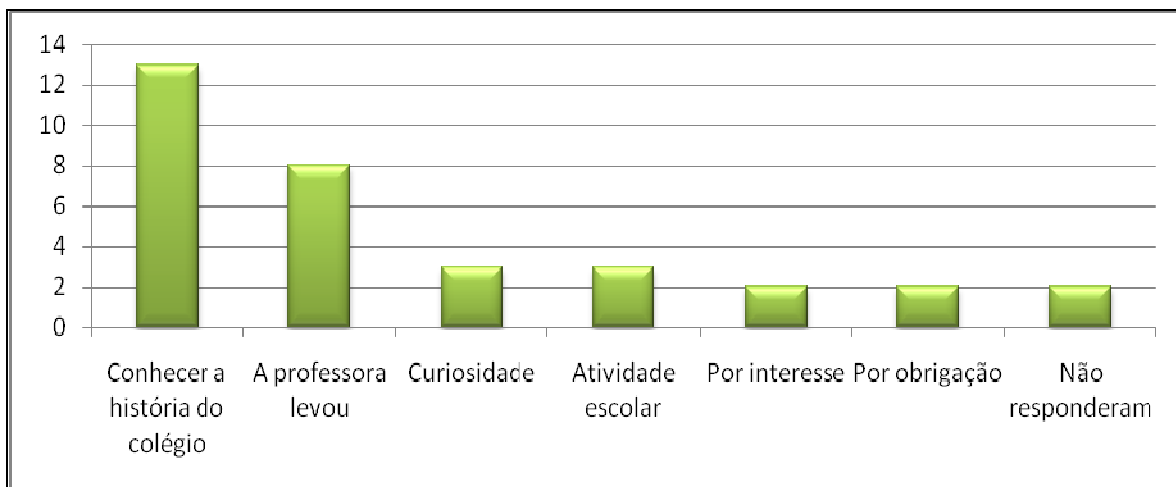
8ª Série da tarde:



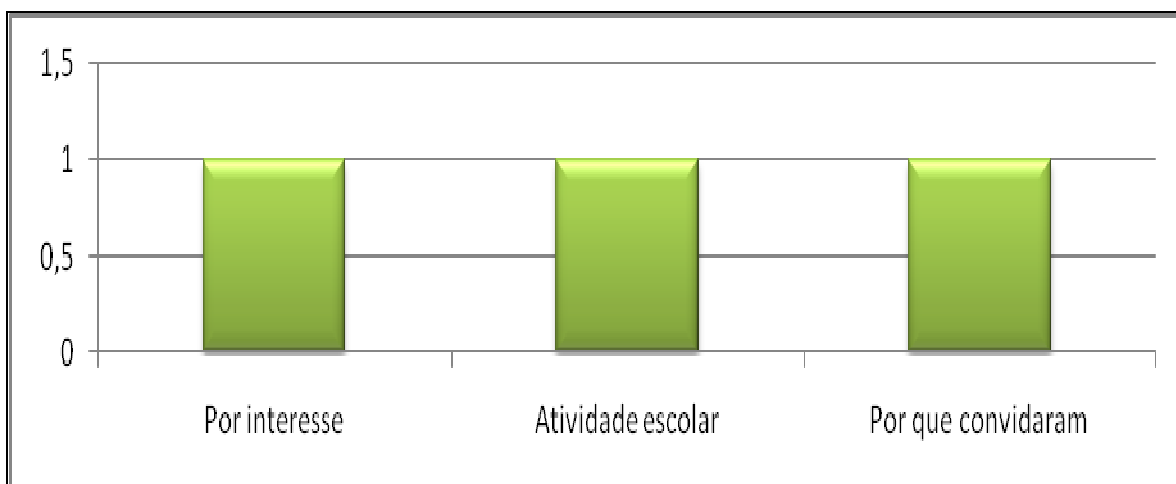
8ª Série da noite:



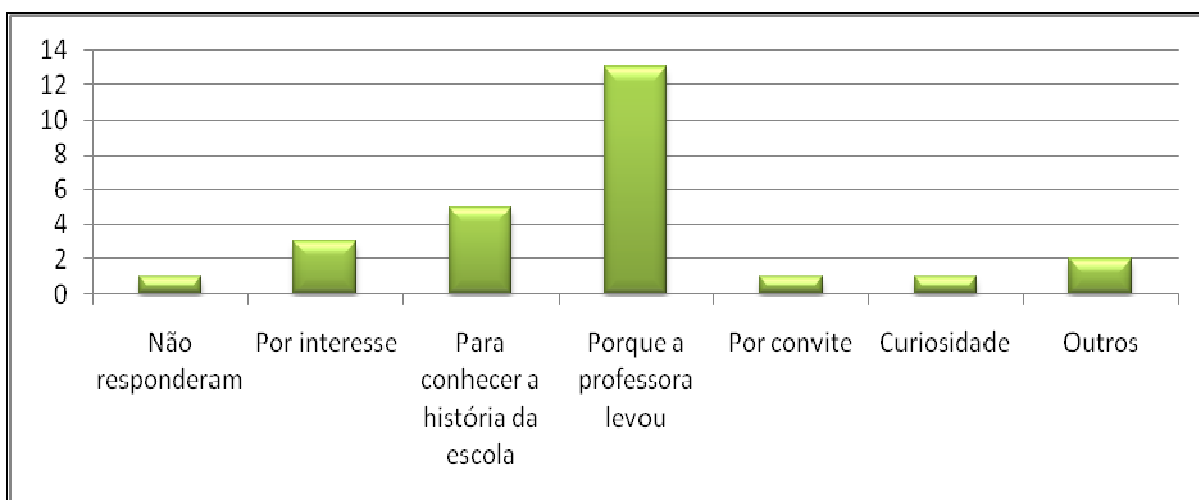
3º Ano da manhã:



3º Ano da noite:



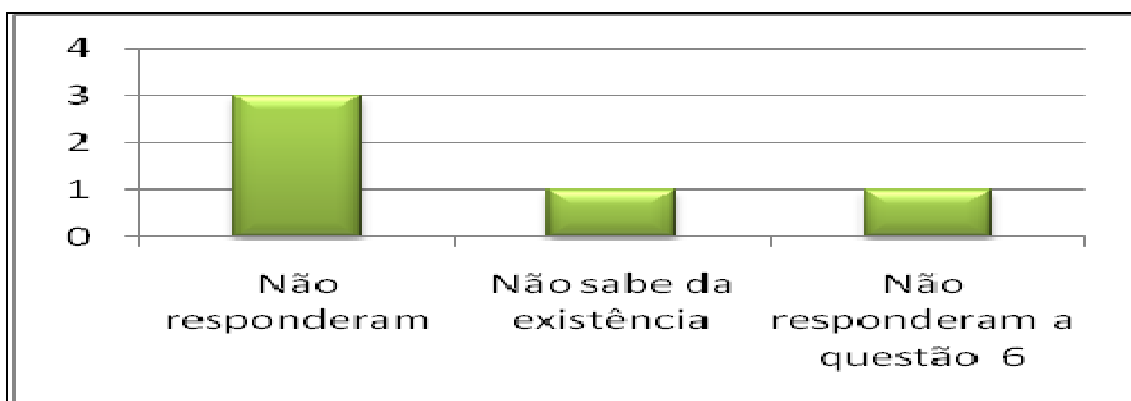
Magistério:



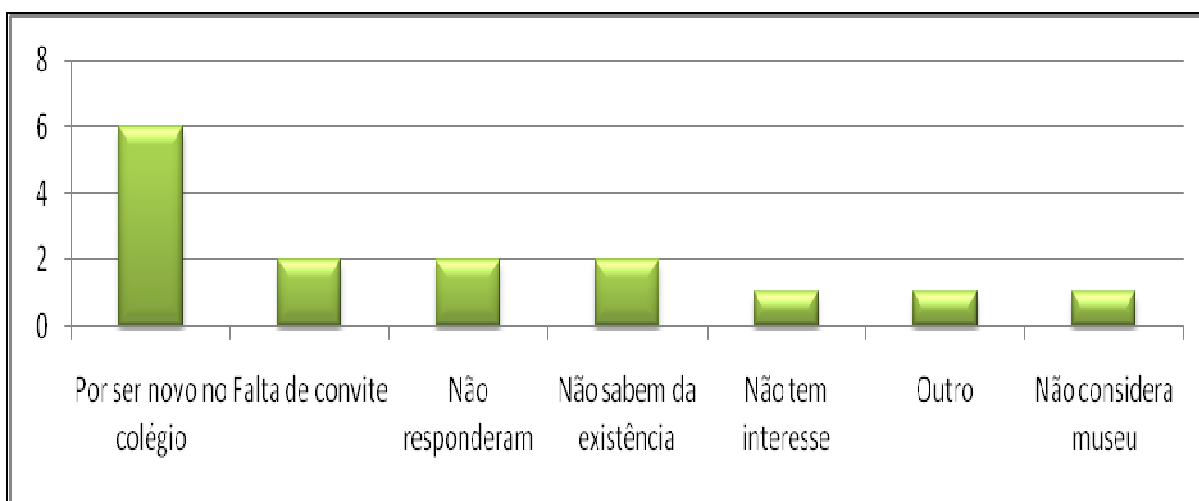
8- Se não, por quê?  
4ª Série da manhã:



4ª Série da tarde:

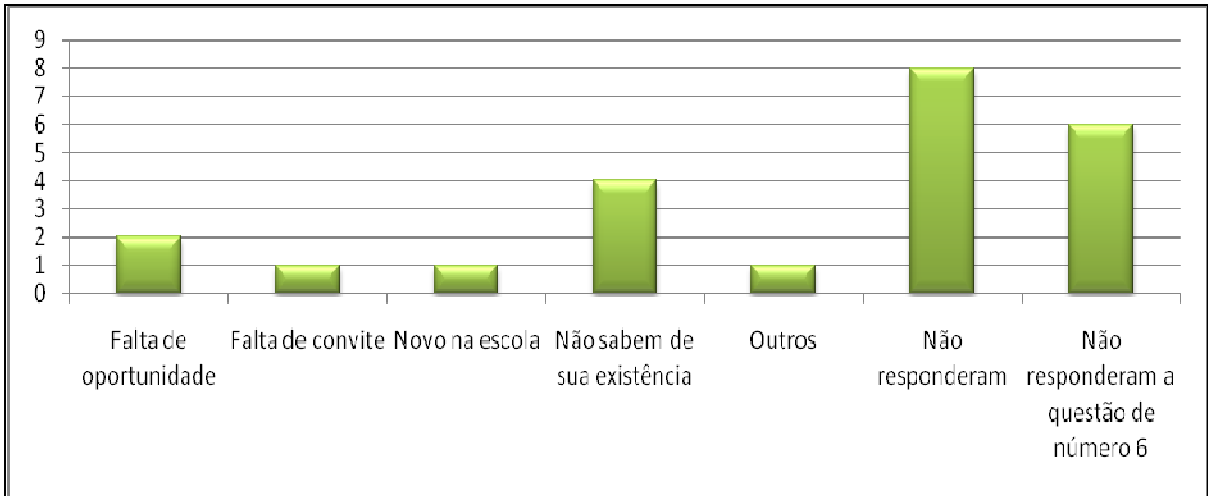


8ª Série da tarde:

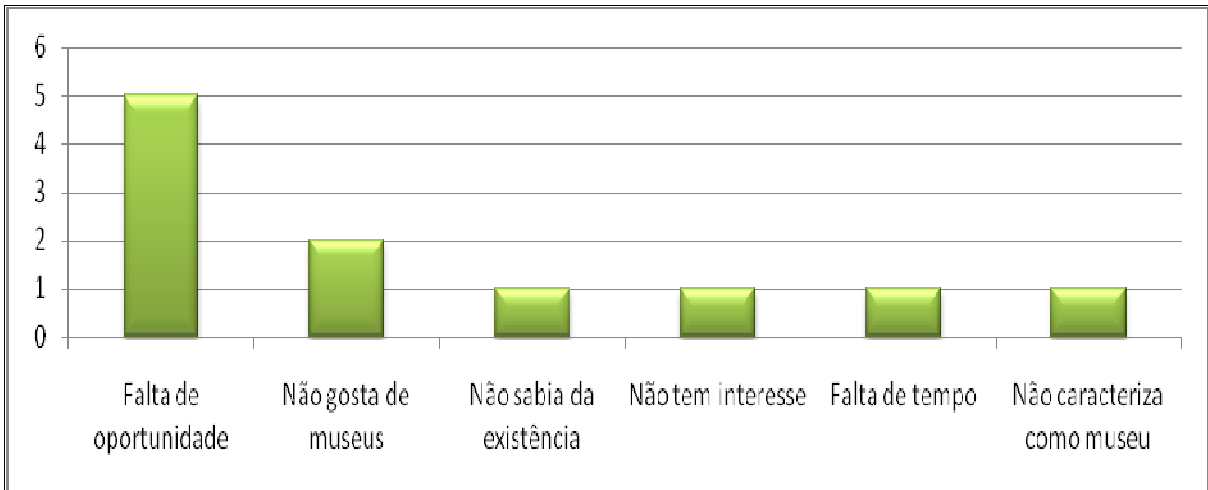




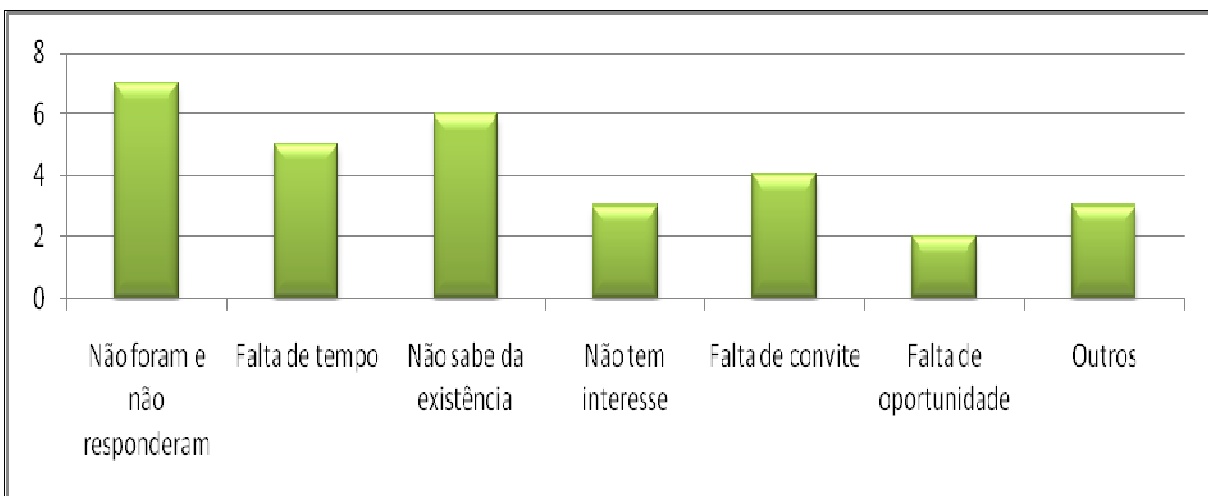
8ª Série da noite:



3º ano da manhã:



3º ano da noite:



A partir dessa pesquisa, tentamos reconhecer o público do Museu do Colégio Municipal Pelotense. Tais dados são relativamente importantes, por estarem diretamente ligados à questão de identidade dos alunos e à história da instituição escolar.

A escolha de tais turmas, como já referido anteriormente, foi por representarem finais de ciclos – 4ª série, das Séries Iniciais; 8ª série, do Ensino Fundamental; 3º ano, do Ensino Médio, sendo, ainda, analisado o Magistério por formar professores que serão responsáveis pela conscientização de futuros visitantes.

É perceptível, através dos dados coletados, o quanto o espaço destinado ao Museu e a política de divulgação da instituição estão defasados. Muitos dos alunos entrevistados dizem não conhecer o espaço museológico da escola, ou não identificam a Sala Luiz Curi Hallal como local que abriga o mesmo, e corroboram suas respostas, afirmando que nunca viram tal sala aberta ou, quando perceberam movimentação na mesma, não se sentiram convidados a entrar.

O único segmento escolar que tem pleno conhecimento das atividades é o Magistério, fato que se justifica, pois a coordenadora do Museu é professora desse curso e desenvolve trabalhos específicos com esse segmento. Isto mostra o efeito de falta de política de divulgação e de gestão das atividades educativas. Enquanto a totalidade dos alunos do Magistério conhece e participa das atividades do Museu, os alunos de Séries Iniciais, como os da 4ª série, que estudam a cidade de Pelotas e o RS, os da 8ª série e 3º ano, só são atendidos quando solicitam a visita.

Foi possível observar, também, qual o conceito de Museu para esses alunos, pois muitos, ao serem questionados, disseram saber da existência de uma sala onde eram colocadas “coisas velhas” da escola, e afirmaram que tal espaço não é um Museu, pois para ser Museu não pode estar dentro de uma escola e as peças devem ser antigas e ter valor monetário. Isso mostra a necessidade de uma ação educativa efetiva que trabalhe com os alunos a importância do patrimônio cultural, os conceitos de Museu, Memória e Patrimônio.

É importante apontar que os Museus mais citados, por alunos que visitam ou já visitaram tais instituições, são: Museu Municipal Parque da Baronesa (Baronesa) – Pelotas; Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo/UFPel (MALG) – Pelotas; Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter/UFPel (Carlos Ritter) – Pelotas; e Museu de Ciência e Tecnologia PUCRS – Porto Alegre.

Ainda, a partir da pesquisa, é possível analisar as motivações que levaram os alunos a visitarem Museus, seja na sua cidade ou em outras regiões do Estado. Em sua maioria, as visitas ocorrem com programação organizada por professores, a qual pode ser dirigida para realização de trabalho didático ou para turismo. Essas atividades não são propostas para os alunos do noturno, tendo em vista que os Museus, geralmente na totalidade, não abrem à noite. Esses alunos, na maioria, nunca visitaram um museu. Poucos são os alunos que foram a instituições museais acompanhados de parentes ou amigos, fato esse que demonstra o desconhecimento e, também, certo desinteresse pelas mesmas.

Segundo a Lei Federal 11.904, de 14 de janeiro de 2009, os museus são instituições com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

- I - trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;
- II - presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;
- III – utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;
- IV - vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;
- V – democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;
- VI – constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.

Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas.

Através da observação ao longo do projeto de extensão e da realização da pesquisa de público, podemos perceber que o Museu do Colégio Municipal Pelotense ainda não cumpre o mínimo das funções museológicas necessárias para o seu bom funcionamento, necessitando

da qualificação dos profissionais que ali atuam e, também, dos processos da gestão institucional, que vem sendo proposto em parceria com a Universidade Federal de Pelotas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHAGAS, Mário. *Jornal do Brasil*, 2008.

FARIA, Margarida Lima de. *Educação – Museus – Educação*. Projecto: Museus e Educação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. 2000.

LUTZ, Bertha Maria Júlia. O papel Educativo do Museu moderno, 1932 In: LOPES, Maria Margaret. Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais. *Musas-Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n. 2, IPHAN/DEMU, RJ, 2006.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Educação e Museus: sedução riscos e ilusões. In: *Ciências e Letras*, n. 27. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 2000.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu e Educação: conceitos e métodos. In: *Ciências e Letras*, n 31. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 2002.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Estratégias Museais e Patrimoniais Contribuindo para a qualidade de vida dos cidadãos: diversas formas de musealização. In: *Ciências e Letras*, n, 27. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 2000.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN/DEMU, 2008.

VARINE, Hugue de. O Ecomuseu. In: *Ciências e Letras*, n27. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 2000.

Recebido para publicação em outubro de 2010.

Aprovado para publicação em dezembro de 2010.

---

<sup>1</sup> Coordenadora do Curso de Bacharelado em Museologia - Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: norismara@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Museologia – Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: driksc15@yahoo.com

<sup>3</sup> Museóloga – Museu Antropológico Diretor Pestana – Ijuí. E-mail: lucita\_alquimista@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Museologia – Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: suelenbaldez@hotmail.com

<sup>5</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Museologia – Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: taimara\_knuth@hotmail.com

